

## **Introdução e contextualização do sionismo e ocupação da Palestina.**

*Alex Griebeler*

*Cintia Mello*

Volta e meia escutamos nos meios de comunicação assuntos relacionados aos conflitos entre judeus, palestinos e israelenses. Ah, e também o tal do sionismo?! Pois bem, para entendermos um pouco melhor esses assuntos que, por vezes, já ouvimos falar, mas que não sabemos explicar ao certo que movimentos são esses é importante realizarmos uma breve introdução.

Então, podemos começar essa explanação a partir de uma reflexão sobre quem é quem neste longo conflito do século XX. Os Judeus são os praticantes do judaísmo (precursor do cristianismo), se configurando enquanto um grupo étnico-religioso que surgiu no oriente médio há cerca de 3300 anos. Já o israelense é o cidadão judeu do estado de Israel. Por sua vez, o palestino é quem nasceu na palestina, território que foi desmembrado em 1948 para a criação do Estado de Israel com intuito de receber o povo judeu que era até então um “povo sem terra”.

A criação do Estado israelense no seio do oriente médio foi impulsionado pelo Sionismo que visava a criação de um Estado independente para os judeus no território palestino. A nomenclatura Sionismo tem sua etimologia atrelada a uma colina de Jerusalém (Sion), que segundo o movimento sionista existia uma área chamada Canaã, que seria o território de Israel, hoje. Tal percepção seria sustentada por questões religiosas e pela leitura judaica do Antigo Testamento, que levam o povo judeu a ser entendido como o “povo escolhido”.

O movimento sionista teve maior sustentação a partir da Declaração de Balfour (1918), realizada pelo lorde inglês Balfour, que favorecia a criação do Estado de Israel como um lar nacional para os judeus na Palestina, sem se importar com as milhares de pessoas que a séculos já habitavam esta região

Em 1948 o movimento sionista conseguiu criar o Estado de Israel, se declarando independente de maneira unilateral. Porém, com a fundação deste Estado no território Palestino, tiveram início os conflitos entre palestinos e israelenses, já que os palestinos queriam preservar a sua terra. Estes embates já haviam começado durante os anos 30,

quando se intensificou um imenso processo de emigração de judeus perseguidos pelo nazismo, que encontraram refúgio em terras palestinas.

Essa ocupação começou no final do século XIX, quando o mundo afro-asiático estava sendo partilhado pelas potências imperialistas. Nesse período, parte do mundo árabe-islâmico ainda estava sob domínio do Império turco-otomano, que se estendeu até 1918, quando este foi derrotado na Primeira Guerra Mundial, e a Palestina tornou-se um território sob mandato britânico.

Desta forma, há décadas o povo palestino busca uma maior autonomia frente às potências que dominam o seu território e exploram o seu povo.

## **Não só um território, vidas e paz em disputa.**

Lucas Eduardo Gaspar  
Nicole de Cândido Ponestk

*“Aqui  
Sobre vossos peitos  
Persistimos  
Como uma muralha  
Em vossas goelas  
Como cacos de vidro  
Imperturbáveis  
E em vossos olhos  
Como uma tempestade de fogo”*  
(Não iremos embora, Tawfic Zayyad)

A busca de paz entre israelenses e palestinos parece uma utopia quando levado em consideração o modo com que Israel está tratando do assunto. Exemplo disso são as constantes invasões em campos de refugiados palestinos e as colônias que estão sendo construídas de maneira sistemática no território da Palestina.

A construção destas colônias israelenses em territórios da Palestina data do ano de 1968 a partir da Guerra dos Seis Dias, que foi um conflito entre Israel e uma série de países árabes como Egito, Jordânia e Síria. Desde este período Israel empreende uma série de construções de colônias nesses territórios que formam grande parte do território palestino. Tais colônias contribuem com o processo de segregação, preconceito e conflito entre os Palestinos e Israelenses, pois, estes últimos ao continuarem invadindo territórios e instalando colônias, divergem dos interesses palestinos de reivindicação de seu território e até mesmo dos tratados de paz firmados internacionalmente.

O modo de vida enfrentado nos campos de refugiados é de constante insegurança, pois sofrem constantes invasões israelenses, onde esses abusam de força e por muitas vezes expulsam palestinos, demolem suas construções e não oferecem outras opções de alojamento. Atitudes essas que fez com que os representantes palestinos suspendessem duas reuniões de paz com Israel, previstas para agosto de 2013. Além das construções destas colônias que vêm tendo um aumento considerável de 2011 até 2013, neste último ano essas construções cresceram cerca de 70% e são consideradas pela ONU, e por outras nações, um meio israelense de burlar os acordos de paz, não

permitindo que o Estado da Palestina se concretize de fato. Enquanto isso, Israel alega que as colônias não deixarão de serem instaladas durante as negociações.

A situação levanta preocupações em relação à proibição de despejo forçado sob a lei internacional de direitos humanos, o direito à moradia e à liberdade contra interferências arbitrárias ou ilegais na vida privada, família e moradia adequada. O ACNUDH (Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos) também expressou preocupação com relatos de uso excessivo da força pelas forças de segurança israelenses contra civis palestinos em campos de refugiados na Cisjordânia. Exercendo de um terrorismo de Estado, Israel, através da força, repressão e a tática da construção de colônias, bem como as sistemáticas e planificadas violações aos direitos humanos, têm por objetivo manter a população palestina em permanente estado de terror.

Em suma, tais atitudes evidenciam de forma clara como conflitos de interesse internacional, que recebe os olhares de diversos países e da ONU, não ganham o mesmo apoio real para a resolução de seus problemas, que enquanto líderes de estado e representantes de nações negociam a paz, a população sofre diariamente em seu cotidiano, em seu país, em sua cidade, na rua de sua casa e principalmente em suas mentes.

## **Não só um território, vidas e paz em disputa.**

Lucas Eduardo Gaspar  
Nicole de Cândido Ponestk

*“Aqui  
Sobre vossos peitos  
Persistimos  
Como uma muralha  
Em vossas goelas  
Como cacos de vidro  
Imperturbáveis  
E em vossos olhos  
Como uma tempestade de fogo”*  
(Não iremos embora, Tawfic Zayyad)

A busca de paz entre israelenses e palestinos parece uma utopia quando levado em consideração o modo com que Israel está tratando do assunto. Exemplo disso são as constantes invasões em campos de refugiados palestinos e as colônias que estão sendo construídas de maneira sistemática no território da Palestina.

A construção destas colônias israelenses em territórios da Palestina data do ano de 1968 a partir da Guerra dos Seis Dias, que foi um conflito entre Israel e uma série de países árabes como Egito, Jordânia e Síria. Desde este período Israel empreende uma série de construções de colônias nesses territórios que formam grande parte do território palestino. Tais colônias contribuem com o processo de segregação, preconceito e conflito entre os Palestinos e Israelenses, pois, estes últimos ao continuarem invadindo territórios e instalando colônias, divergem dos interesses palestinos de reivindicação de seu território e até mesmo dos tratados de paz firmados internacionalmente.

O modo de vida enfrentado nos campos de refugiados é de constante insegurança, pois sofrem constantes invasões israelenses, onde esses abusam de força e por muitas vezes expulsam palestinos, demolem suas construções e não oferecem outras opções de alojamento. Atitudes essas que fez com que os representantes palestinos suspendessem duas reuniões de paz com Israel, previstas para agosto de 2013. Além das construções destas colônias que vêm tendo um aumento considerável de 2011 até 2013, neste último ano essas construções cresceram cerca de 70% e são consideradas pela ONU, e por outras nações, um meio israelense de burlar os acordos de paz, não

permitindo que o Estado da Palestina se concretize de fato. Enquanto isso, Israel alega que as colônias não deixarão de serem instaladas durante as negociações.

A situação levanta preocupações em relação à proibição de despejo forçado sob a lei internacional de direitos humanos, o direito à moradia e à liberdade contra interferências arbitrárias ou ilegais na vida privada, família e moradia adequada. O ACNUDH (Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos) também expressou preocupação com relatos de uso excessivo da força pelas forças de segurança israelenses contra civis palestinos em campos de refugiados na Cisjordânia. Exercendo de um terrorismo de Estado, Israel, através da força, repressão e a tática da construção de colônias, bem como as sistemáticas e planificadas violações aos direitos humanos, têm por objetivo manter a população palestina em permanente estado de terror.

Em suma, tais atitudes evidenciam de forma clara como conflitos de interesse internacional, que recebe os olhares de diversos países e da ONU, não ganham o mesmo apoio real para a resolução de seus problemas, que enquanto líderes de estado e representantes de nações negociam a paz, a população sofre diariamente em seu cotidiano, em seu país, em sua cidade, na rua de sua casa e principalmente em suas mentes.

## **Intifada: pedras contra tanques**

*Alex Sander Sanoto  
Sara Monique*

Desde o início dos conflitos árabe-israelense, os civis vem se tornando cada vez mais as principais vítimas desses conflitos. Vários povos e cidades inteiras vem sendo atacados, populações de cidades como Khiam no Líbano vem sendo brutalmente dizimados e milhares de pessoas acabam morrendo.

Porém, a situação da Palestina se agravou ainda mais nas décadas de 1970 e 1980, quando Israel, apoiado por países como os EUA, tenta se expandir nos solos palestinos. É nesse período, que os métodos e as composições políticas da Palestina se alteram, surge aí, grupos como por exemplo o *Hamas* (Movimento de Resistência Islâmica) criado por palestinos em 1988. Também é aí nessa mesma década se inicia a primeira Intifada (levante popular palestino contra a ocupação israelense), formada por jovens palestinos no Egito.

No ano de 1987, quando um caminhão militar israelense atropela e mata quatro palestinos na Faixa de Gaza, é que essa situação chega ao estopim, e os jovens palestinos vão em direção as tropas de ocupações israelense. Essa revolta, fica conhecida como a "Revolta das Pedras" (ou intifada), pelo fato de jovens e crianças enfrentarem com paus e pedras as tropas armadas de Israel, essa "Revolta" dura cerca de seis anos e muitas mortes de jovens palestinos ocorrem.

Essa manifestação se tornou um marco na história da Palestina, pois além de alterar completamente o modo de ação de Israel, aumentou os ânimos Palestinos, tanto que as lideranças da OLP ([Organização para a Libertação da Palestina](#)) passam a lutar como nunca pela criação de um Estado palestino com a capital em Jerusalém. Surge em Washington, um acordo de paz, o qual previa a extensão da autonomia dos palestinos na Cisjordânia, além da retirada das tropas israelenses daquele local. A partir desse momento, Israel e OLP realizaram várias conversas, mas nunca chegaram em um acordo efetivo que pudesse dar o direito ao retorno dos palestinos a suas terras.

Várias propostas norte-americanas surgiram para a questão palestina, mas claramente, todas as propostas beneficiavam Israel. Nesse mesmo tempo em que se tentava uma negociação, os Estados Unidos fornecem importantes assistências econômica e militar a Israel, permitindo assim, que Israel se expanda ainda mais suas colônias nos territórios ocupados e imponha o seu regime brutal, e que além de tudo,

atrapalhe ainda mais o desenvolvimento do povo palestino, deixando-os, cada vez mais na miséria, abandonando e vivendo em condições de vida desumanas. E é nesse mesmo contexto, que no ano de 2000, com tantos ataques, pressões, imposições e morte de milhares de jovens palestinos inocentes que apenas lutam por seus direitos, que surge a segunda Intifada.

Não vou me deter aqui, a explicar de forma detalhada todo esse movimento e suas formas mais detalhadas de luta, mas espero que a essa altura, já possamos ter uma idéia, mesmo que um tanto limitada, sobre as ações ambiciosas e desumanas de Israel e as condições de vida que passavam os palestinos nesse momento, a ponto de concluirmos que, mesmo com tantas pressões, violência, torturas e tantas mortes, o povo palestino nunca deixou de lutar pelos seus direitos, mesmo que da forma mais simples e acessível, que era com pedaços de paus e mãos cheias de pedras, não faltava coragem a essas pessoas por lutar contra tamanha injustiça.



## **Política e Resistência na Palestina: Fatah e Hamas**

*Profº Danilo Fonseca*

*Profº Marcos Vinicius Ribeiro*

A dura repressão imposta pelo Estado Israelense e uma subsequente baixa qualidade de vida sofrida pelos palestinos no decorrer dos conflitos fez com que o povo palestino se organizasse nas mais variadas formas de resistência que permeiam tanto a via política, quanto, frente às baixas possibilidades de negociação, pela via armada.

A primeira organização palestina a estabelecer negociações com o Estado Israelense foi a Organização pela Libertação da Palestina (OLP), controlada por uma série de grupos pró-palestina, mas composta majoritariamente pelo Fatah de Yasser Arafat, e com uma ampla inspiração num nacionalismo árabe de centro esquerda. Em 1993, com os Acordos de Paz de Oslo, a OLP conseguiu mais autonomia dentro de parte do território Palestina.

Porém, o Estado israelense não cedeu em pontos nevrálgicos, como a questão da construção de Colônias na Cisjordânia, o que travou as rodadas de negociações, impossibilitando que as negociações atingissem uma paz que fosse considerada justa para ambos os lados do conflito.

Com a morte de Arafat em 2004, o Fatah perdeu gradativamente espaço dentro da OLP e diminuiu a sua legitimidade frente aos palestinos (devido, dentre outros, a casos de corrupção e a diminuição de sua combatividade) trazendo novas possibilidades na política e na resistência frente às duras repressões israelenses.

Deste processo emerge uma importante concorrente política, e com ampla representatividade frente às apreensões do povo palestino, principalmente na região da Faixa de Gaza: o Hamas.

Comumente, o grupo do Hamas é classificado pela grande mídia enquanto um grupo meramente “terrorista” e com um fundamentalismo islâmico radicalizado. Todavia, na prática, o Hamas é mais um partido político no cenário político do conflito árabe israelense.

Assim como Israel, ou o Fatah seu, rival político palestino, o Hamas também é uma organização política que possui um braço armado, as [Brigadas Izz al-Din al-Qassam](#), e que promove tanto a negociação e prática política (construção de hospitais e escolas), assim como a luta armada contra o Estado de Israel.

Ao contrário do Fatah, que possui o nacionalismo palestino de esquerda como principal inspiração, o Hamas tem em seus princípios políticos a religiosidade islâmica, o que muitas vezes é utilizado para condenar e criminalizar a organização, porém seus relacionamentos entre a política e a religião não diferem substancialmente do fundamentalismo judaico do Estado de Israel, que se constituiu enquanto um estado judeu que nega a cidadania à população não judaica, além de se entender enquanto povo escolhido por Deus.

Porém, a combatividade militar possibilitada pelas condições políticas impostas à Palestina é muito baixa, restando poucos mecanismos efetivos para combater o exército Israelense que é um dos mais bem armados do mundo (íntimo com o exército estadunidense) e que utiliza táticas proibidas pela ONU, como a utilização de armas químicas e bombardeio de áreas civis (como hospitais e escolas).

Desta forma, entre os anos 1993 e 2005, o Hamas promoveu uma série de atentados como forma de luta contra o Estado israelense, porém, a baixa efetividade de tais ações fez com que o braço armado do grupo passasse a utilizar apenas foguetes de curto alcance contra cidades israelenses próximas a Gaza, o que também se mostrou pouco efetivo frente a capacidade de destruição do exército israelense.

Hoje, o Hamas vai ganhando mais espaço frente a população palestina (diminuindo o poder do Fatah), conquistando inclusive a administração da OLP, vencendo as eleições legislativas em 2006. Mas, conforme o Hamas foi crescendo, algumas de suas posições também mudaram, como, por exemplo, o reconhecimento do Estado Israelense, já que por anos o Hamas se recusava a reconhecer a existência de Israel, mas a atual administração já busca vias de negociação e uma aceitação pela saída de dois Estados.

## Referências:

<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/30810/palestinos+suspendem+negociacoes+com+israel+apos+ataque+a+campo+de+refugiados.shtml>

<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/30840/escritorio+de+direitos+humanos+da+onu+alerta+sobre+expulsoes+forcadas+de+palestinos+na+cisjordania.shtml>

<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/30835/israel+construira+mais+colonias+durante+processo+de+paz+diz+ministro.shtml>

<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/31887/construcao+de+colonias+israelenses+em+territorios+palestinos+aumentou+70%25+em+2013.shtml>

<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/30810/palestinos+suspendem+negociacoes+com+israel+apos+ataque+a+campo+de+refugiados.shtml>

<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/30840/escritorio+de+direitos+humanos+da+onu+alerta+sobre+expulsoes+forcadas+de+palestinos+na+cisjordania.shtml>

<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/30835/israel+construira+mais+colonias+durante+processo+de+paz+diz+ministro.shtml>

<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/31887/construcao+de+colonias+israelenses+em+territorios+palestinos+aumentou+70%25+em+2013.shtml>